

# BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE NIETZSCHE E OS GREGOS

## BRIEF CONSIDERATIONS ON NIETZSCHE AND THE GREEKS

---

João Antônio Ferrer Guimarães

UNIOESTE. Toledo, Paraná, Brasil. E-mail. jaferrerg@yahoo.com.br

**Resumo:** Com esta pequena reflexão, almejamos tecer algumas considerações sobre um dos primeiros textos filosóficos do jovem Friedrich Nietzsche (1844-1900). Trataremos, portanto, do livro *A Filosofia na Época trágica do Gregos*. Neste pequeno, mas consistente texto de 1873, nosso autor expõe não apenas uma visão geral do pensamento dos primeiros filósofos gregos, que desenvolveram suas ideias entre os séculos VI e V a.C., mas também apresenta uma interpretação inovadora sobre o nascimento da filosofia e o resultado obtido por seus pensadores. Podemos descrever esta visão original afirmando que a filosofia produzida por estes filósofos se apresenta em sua manifestação mais pura e grandiosa, representando a passagem do mundo homérico para o universo trágico. Esta posição encontra-se fundada em uma admiração profunda e um amplo conhecimento da civilização helênica, principalmente de suas figuras clássicas tanto pré-socráticas como pós socráticas. Sua visão de filosofia, como veremos, apresentará como campo privilegiado do pensamento os filósofos pré-socráticos – ou, como ele os designa em alguns momentos, filósofos pré-platônicos – em detrimento do pensamento clássico de Platão e Aristóteles, tendo em vista sua asserção de que a filosofia não mais alcançará o mesmo status apresentado em seus primórdios pré-socráticos, caindo numa profunda crise de valores. Assim, seu ponto de vista inovador já nos indica a natureza polêmica que tanto caracterizará seu pensamento da maturidade. Sem termos a intenção de aprofundar temas que certamente aparecem em gestação ao longo deste texto – e que serão desenvolvidos em seus trabalhos posteriores, nos quais sua filosofia surgirá com mais originalidade e robustez –, nosso objetivo é tentar compreender seu entendimento sobre a natureza da filosofia desenvolvida, segundo Nietzsche, por estes pensadores geniais. A genialidade tem, portanto como referência estas figuras inaugurais do pensamento Grego, mas, e fundamentalmente, suas vivências; na verdade, é essa vivência filosófica, segundo nosso autor, que constrói seu mundo glorioso através de uma trajetória que, iniciado em Tales e encerrando seu ciclo em Sócrates, somente terá ressurgido através de sua própria filosofia.

**Palavras- chave:** Pré-socráticos. Vivência filosófica. Nietzsche.

**Abstract:** With this brief reflection, we will also make some considerations about one of the first philosophical texts by the young Friedrich Nietzsche (1844-1900). We will therefore discuss the book “Philosophy in the Tragic Age of the Greeks”. In this short but consistent text from 1873,

our author presents not only a general view of the thought of the first Greek philosophers, who developed their ideas between the 6th and 5th centuries BC, but also presents an innovative interpretation of the birth of philosophy and the results obtained by its thinkers. We can describe this original vision by stating that the philosophy produced by these philosophers presents itself in its purest and most grandiose manifestation, representing the passage from the Homeric world to the tragic universe. This position is based on a deep admiration and broad knowledge of Hellenic civilization, especially of its classical figures, both pre-Socratic and post-Socratic. His view of philosophy, as we shall see, will present the pre-Socratic philosophers – or, as he sometimes calls them, pre-Platonic philosophers – as a privileged field of thought to the detriment of the classical thought of Plato and Aristotle, given his assertion that philosophy will no longer achieve the same status it had in its pre-Socratic beginnings, falling into a profound crisis of values. Thus, his innovative point of view already indicates to us the controversial nature that will so characterize his mature thought. Without intending to delve into themes that will certainly appear in gestation throughout this text – and that will be developed in his later works, in which his philosophy will emerge with greater originality and robustness –, our objective is to try to understand his understanding of the nature of philosophy developed, according to Nietzsche, by these brilliant thinkers. Genius therefore has as its reference these inaugural figures of Greek thought, but, fundamentally, their experiences; in fact, it is this philosophical experience, according to our author, that built his glorious world through a trajectory that, starting with Thales and ending its cycle with Socrates, will only have resurfaced through his own philosophy.

**Keywords:** Pre-Socratics. Philosophical experience. Nietzsche.

## PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Pretendemos, com este pequeno texto, tecer alguns comentários sobre uma das primeiras obras escritas por Friedrich Nietzsche (1844-1900), embora só publicada postumamente. Trata-se de *A Filosofia na Época trágica do Gregos*; este pequeno, mas consistente trabalho de 1873, no qual nosso autor faz uma apresentação dos primeiros filósofos gregos, que desenvolveram seu pensamento entre os séculos VI e V a.C., já antecipa a natureza polêmica que tanto caracterizará seu pensamento da maturidade.

Sem pretender aprofundar os temas que certamente aparecem em gestação ao longo deste texto – e que serão desenvolvidos em seus trabalhos posteriores, nos quais sua filosofia surgirá com mais originalidade e robustez –, nosso objetivo é tentar entender sua visão da filosofia, que nos parece também original, tendo como referência estes pensadores e principalmente suas vivências; essa vivência filosófica, segundo nosso autor, constrói seu mundo glorioso através de uma trajetória que inicia em Tales e encerra seu ciclo em Sócrates.

Segundo Fernanda Bulhões (2023), Nietzsche começa a elaborar seu pensamento filosófico já com uma consistente base advinda de seus estudos em filologia. Esta base traz consigo uma admiração profunda e um amplo conhecimento da civilização helênica, principalmente de suas figuras clássicas tanto pré-socráticas como pós-socráticas. Sua visão de filosofia, no entanto,

apresentará como campo privilegiado do pensamento os filósofos pré-socráticos – ou, como ele os designa em alguns momentos, filósofos pré-platônicos – em detrimento do pensamento clássico de Platão e Aristóteles. Este olhar direcionado para um momento específico da História da Filosofia Grega é explicado a partir do entendimento de que “os filósofos pré-platônicos são aí interpretados como expressões da exuberância e criatividade da época áurea dos gregos que foi a época trágica” (Bulhões, 2023, p. 29). Estes pensadores formariam, nas palavras de Nietzsche uma “República de Gênios”<sup>1</sup>, os modelos mais bem talhados do próprio espírito filosófico; “Todos eles são, numa solidão extraordinária, os únicos homens votados ao conhecimento” (Nietzsche, 2008, p. 25). Ou seja, para Nietzsche a filosofia Grega, em sua engenhosidade e representando um arquétipo a ser seguido por outras culturas, deve ser entendida – e permanecer circunscrita – através da compreensão do conjunto de pensadores que realçaram a “maneira de viver”<sup>2</sup> como característica de uma personalidade cultural única. Para além desse momento privilegiado, o mundo Grego se desfaz em decadência. Decadência esta que seguirá influenciando o pensamento filosófico ao longo dos séculos. Como justifica Nietzsche, no primeiro prefácio à obra, esclarecendo seu objetivo ao privilegiar a existência mais do que os sistemas destes pensadores,

Eu conto a história de tais filósofos de um modo simplificado: espero destacar apenas o ponto de cada sistema que é um pedaço de *personalidade* e pertence àquele aspecto incontestável e indiscutível, a ser preservado pela história; trata-se de uma tentativa inicial para recuperar tais naturezas mediante comparação, bem como para recriar e fazer finalmente ressoar, uma vez mais, a polifonia da natureza grega; a tarefa consiste em trazer à luz aquilo que devemos *sempre amar e ter em altíssima conta*, e aquilo que nenhum conhecimento posterior poderá nos roubar: o grande homem (Nietzsche, 2008a, p. 28).

O “grande homem” está na raiz de seu conceito de filosofia. O período de glória do pensamento é compreendido através da manifestação da natureza grega a partir da qual a imagem do filósofo pode ser revelada. O período posterior, a decadência gerada por “profunda e radical crise de valores morais, sociais, políticos, estéticos e religiosos que leva abaixo as bases da civilização grega”<sup>3</sup>, vê desaparecer o espírito do “grande homem”. Deste modo, sua “História da Filosofia Grega” – se podemos nos referir ao texto desta forma –, não será uma análise pura e simples da doxografia cronológica dos pensadores, nem abarcará toda a filosofia grega. Seu interesse estará sempre direcionado para a vivência pessoal de cada pensador, tornando-os modelos do “grande homem” com o qual, e não poderia deixar de ser, ele próprio sempre se

---

<sup>1</sup> Um contraponto sarcástico à República platônica? Segunda alguns, uma leitura possível.

<sup>2</sup> Nietzsche, 2008a, p. 27.

<sup>3</sup> Bulhões, 2023, p. 30.

identificará<sup>4</sup>. Desta forma também, Nietzsche colocará todos estes filósofos em constante diálogo com o intuito de que, questões deixadas em aberto por uns, sejam respondidas pelos outros.

O desafio que se impõe Nietzsche na tarefa de recontar a história dos primórdios da filosofia, a partir do estudo dessa “pessoalidade” que constitui de fato o cerne da cultura trágica, ponto de partida do pensamento filosófico como tal, é particularmente árduo quando levado a termo pelo homem imerso na cultura de seu tempo – no caso o século XIX. Cultura essa, herdada da tradição justamente do período considerado por nosso filósofo como de queda e decadência. Mas, como esclarece Fernando Barros em sua introdução ao texto em questão, “isso não significa, porém, que a era trágica dos filósofos gregos esteja, para nós morta e enterrada como realidade histórico-cultural”<sup>5</sup>. Ao contrário, sempre será possível recuperar a era trágica e autêntica da filosofia, por meio de comparação e de uma espécie de intuição que, parece ficar claro no texto, une os “gênios” através das eras. Desta forma, torna-se possível reconquistar essa vivência a partir da própria experiência. Sendo assim, “acreditando que espíritos afins já de longe se reconhecem, o autor de *A Filosofia na era Trágica dos Gregos* permite-se, de sua parte, reproduzir tais homens com a ponta de sua pena”.<sup>6</sup>

Como afirmamos no início deste trabalho, nossa intenção consiste em tecer algumas observações sobre o entendimento que tem Nietzsche da origem da filosofia, operando a partir do Texto *A Filosofia na Era Trágica dos Gregos*, sem, no entanto, aprofundar todos os temas e autores desenvolvidos por nosso filósofo. Tales, Anaximandro, Heráclito, Parmênides, são apresentados – assim foi nosso entendimento ao ler o texto – no intuito de clarificar o modelo do “grande homem”, com o qual Nietzsche se compara; mas também acreditamos, quer aproximar um novo ímpeto na cultura alemã proporcionado por seu amigo Richard Wagner, para ele modelo similar de virtude, de grande homem da cultura, pelo menos neste período de sua vida.

Deste modo, buscarei a partir deste ponto, discorrer sobre alguns dos pensadores apresentados por Nietzsche e sua interpretação como forma de tentar entender o sentido real de sua concepção de filosofia.

## **OS PENSADORES ORIGINÁRIOS E O ESPÍRITO DO “GRANDE HOMEM”**

A filosofia tem como seu iniciador Tales de Mileto, assim é entendido por todos os historiadores do pensamento e não poderia ser diferente no caso de Nietzsche; sua história da

---

<sup>4</sup> “Os filósofos pré-platônicos são aí interpretados como expressões da exuberância e criatividade da época áurea dos gregos que foi a época trágica” (Bulhões, 2023, p. 29).

<sup>5</sup> Nietzsche, 2008, p. 11.

<sup>6</sup> Nietzsche, 2008, p. 12.

filosofia inicia a partir da sentença originária proferida por Tales, mas seu intento será mais profundo do que uma mera historiografia dos antigos e suas sentenças.

No entanto, antes de adentrar na seara dos gênios, Nietzsche nos adverte,

Há inimigos da filosofia, e é bom os escutar principalmente quando desaconselham a metafísica às cabeças doentes dos Alemães e lhes pregam a purificação pela física, como Goethe, ou a cura pela música, como Richard Wagner. Os médicos do povo rejeitam a filosofia; e quem quiser justificá-la terá de demonstrar para que é que os povos são precisam e precisaram da filosofia. Se tal conseguir demonstrar, pode ser que até os doentes cheguem ao conhecimento salutar das causas pelas quais a filosofia lhes é prejudicial (Nietzsche, 2008b, p. 6).

Vale lembrar que aqui temos um jovem Nietzsche metafísico, envolto ainda nas discussões sobre a busca pelo fundamento da realidade. É neste sentido, portanto, que podemos compreender sua advertência sobre a filosofia como uma ameaça. No entanto, o que nos parece mais importante é que, a partir desta perspectiva metafísica – que logo abandonará –, nosso filósofo passa a desenvolver uma filosofia da história identificada com a vida na qual, posteriormente, todos os valores serão criticados, abrindo caminho para a “transvaloração de todos os valores” no sentido de projetar a vida para além de si, consolidando sua noção de vontade de potência.

A filosofia é perigosa e somente um povo saudável pode se servir dela para não ser isolado e destruído. Para Nietzsche, apenas um determinado povo, os Gregos, que são verdadeiramente saudáveis na medida em que exerceram plenamente o filosofar, justificaram a filosofia como um modo de vida. A realização plena do filosofar se processou num momento de felicidade e criatividade e de muito menos adversidade para os gregos. Este fato nos diz muito tanto sobre os gregos como em relação a como a filosofia deve ser vivenciada. Segundo Nietzsche, é notável também que os gregos tenham filosofado como homens da cultura que é sempre uma construção e absorção de experiências tanto quanto criação original. Desta forma, deram novo sentido aos elementos absorvidos de culturas que os cercavam, tratando de depurar estes elementos para torná-los mais genuínos a ponto de seu sentido tomar novo rumo, quase como se fosse pura invenção original. Ou seja, não fazem uma simples incorporação ou cópia.

No terreno fértil da época trágica surge Tales, o primeiro a pensar a totalidade do mundo a partir da unidade de um único princípio, renunciando a resposta mítica e religiosa, desprezando sua suposta capacidade de legitimação sobre a origem de tudo. A importância de Tales não está na, segundo Nietzsche, inconsistente tese de que o princípio de tudo é a água, mas sim naquilo que está contido nesta sentença. O que vislumbramos no interior desta primeira sentença é o pensamento mais profundo e original de que *tudo é um*. Não estamos frente a uma resposta mítica

sobre a origem das coisas, mas sim operando já com um pensamento original sobre o sentido da unidade do todo. Neste sentido, Tales pode ser considerado o primeiro filósofo grego.

Encontra-se na ousadia de transpor o universo místico do agir em relação a natureza, tão caro aos gregos, na vivência dessa reflexão que busca a realidade para além da esfera dos Deuses, a grandeza de Tales como filósofo. Deste modo, nos parece, Tales torna-se o primeiro exemplo filosófico do “grande homem” e é notável identificar, nas palavras de Nietzsche, essa deferência,

Quando Tales diz: "Tudo é água", o homem estremece e se ergue do tatear e rastejar vermiformes das ciências isoladas, pressente a solução última das coisas e vence, com esse pressentimento, o acanhamento dos graus inferiores do conhecimento (Nietzsche, 2008b, p. 20).

Em Tales, no entanto, a noção de completude permanece ainda subordinada a certo tatear empírico, embora dela possamos inferir um princípio metafísico: tudo é um. Na sequência, com o próximo pensador, experimentaremos uma mudança radical. Como afirma Fernando Barros (2010, p. 172), “a unidade de tudo o que existe irá assumir, com Anaximandro, uma coloração metafísica radicalmente diferente, permitindo auferir-lhe, aliás, a alcunha de ‘primeiro escritor filosófico da antiguidade’”.

Nós nos deparamos, portanto, com um salto filosófico. A unidade do ilimitado se apresentará muito mais complexa; “tudo é um”, sentença compreensível em si, dará lugar ao indeterminado cujo entendimento mostra-se problemático, uma vez que sua compreensão implica sua delimitação. No entanto, o *ápeiron*, o ilimitado, para Nietzsche aponta para outro problema eminentemente humano: a finitude. Novamente, segundo Barros (2010), a partir da ideia de ilimitado, Anaximandro refletirá sobre o sofrimento e “o drama da morte”; desta forma, nosso filósofo acaba por reconhecer “todo vir-a-ser como uma emancipação do Ser eterno digna de punição, isto é, como algo injusto que deve ser expiado com o declínio”<sup>7</sup>. A vida vê-se arrastada desde sua essência para o exercício do niilismo; a vida nada vale e será espiada com a morte.

Percebemos aqui a visão do pensador que, mais do que tratar do tema central do Ser, preocupa-se com o vir-a-ser, com a vivência que constrói esse processo que se encontra na essência da tragédia. O homem prisioneiro do vir-a-ser vê o mundo de sua existência desvalorizado em detrimento de um mundo imutável, para além de todo infortúnio, toda adversidade trágica. Deste modo, “O ser originário assim denominado está acima do vir-a-ser e, justamente por isso, garante a eternidade e o curso ininterrupto do vir-a-ser”<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Nietzsche, 2008, p. 20.

<sup>8</sup> Idem, ibidem, p. 24.

Da perspectiva negativa oriunda do determinismo do vir-a-ser e do descrédito de uma existência trágica, segundo Nietzsche, surge o próximo personagem dessa história. Opondo-se à negatividade de Anaximandro – que implica na desvalorização do mundo do vir-a-ser –, Heráclito de Éfeso glorifica o vir-a-ser ao transformar seu significado, identificando-o com a vivência da existência trágica.

Segundo Fernando Barros,

Com Heráclito, ganha terreno o pensamento da instabilidade, sendo que dois seriam os passos necessários para alcançá-lo: primeiramente, o filósofo efésio teria denegado a ideia de dois mundos distintos entre si e, num segundo momento, mais arrojado e temerário, teria suprimido o ser em geral (Barros, 2010, p. 173).

Estamos diante de uma proposta de superação do Ser independente, que determina o vir-a-ser, em prol de um movimento dialético de fluxo que se permite ao vir-a-ser legitimar a si mesmo. O filósofo de Éfeso já não diferencia mundo físico, marcado pela indeterminação, de mundo metafísico, no qual qualidades bem delimitadas vigoram. A partir daí, dois movimentos empreendidos por Heráclito são caros a Nietzsche: superar a ideia da dualidade dos mundos e a supressão da noção de Ser originário. Ao longo de seu processo de amadurecimento, ao abandonar a perspectiva metafísica, nosso filósofo desenvolverá, em seus princípios mais radicais, estes dois preceitos Heraclitianos.

Segundo Nietzsche, ao iluminar o problema do ininterrupto movimento da temporalidade, Heráclito teria vislumbrado a justificação do devir e não a punição daquilo que no devir se manifesta, ou seja, a vida. Como poderia a culpa se impor neste mundo onde impera a justiça e a lei? Segundo Nietzsche,

Heráclito exclamou mais alto do que Anaximandro: "Só vejo o devir. Não vos deixeis enganar! É à vossa vista curta e não à essência das coisas que se deve ao fato de julgardes encontrar terra firme no mar do devir e da evanescência. Usais os nomes das coisas como se tivessem uma duração fixa; mas até o próprio rio, no qual entraís pela segunda vez, já não é o mesmo que era da primeira vez" (Nietzsche, 2008b, p. 25).

Este é o único mundo que resta, o mundo da mudança, do fluxo constante da vida. Uma visão de mundo que muitas vezes privilegia a intuição em detrimento da razão, como acusa Aristóteles<sup>9</sup>, nos lembra Nietzsche. Neste mundo, não há ponto fixo no qual possamos nos fiar; tudo o que nos cerca existe sem um permanecer que o sustente, sem uma duração, apenas existindo no flui. Segundo comenta Fernando Barros<sup>10</sup>, qualidades perceptíveis não são essências eternas

---

<sup>9</sup> Idem, *ibidem*, p. 25.

<sup>10</sup> Barros, 2010, p. 174.

nem criações dos sentidos, não são aparência nem unidade fixa; nem mesmo as leis que aparentemente regem a natureza são permanentes. Desta forma, tudo aquilo que efetivamente é participa do movimento do vir-a-ser e a unidade do que existe somente pode ser assimilada como multiplicidade. O um e o múltiplo são o mesmo.

Essas ideias sobre a inconstância de tudo o que é – interpretadas por essa visão original –, mostram-se assustadoras pois suas consequências abalam a própria sustentação da existência, seu chão. Como afirma Nietzsche,

O dever único e eterno, a inconsistência total de todo o real, que somente age e flui incessantemente, sem alguma vez ser, é, como Heráclito ensina, uma ideia terrível e atordoadora, muitíssimo afim, na sua influência, ao sentimento de quem, num tremor de terra, perde a confiança que tem na terra firme (Nietzsche, 2008b, p. 27).

O enfrentamento desta “ideia terrível” exigiu de Heráclito uma confiança e força suficientemente robustas para conseguir superar a negatividade aparente do que se mostrava frente a sua realidade, em busca de uma visão mais elevada da experiência dessa vivência em fluxo. Sua reflexão sobre a emanção deste vir-a-ser como uma polarização de contrários, identificou uma força operando na essência desse movimento. A dinâmica dessa força, agindo a partir destas ações opostas, comporta um esforço permanente em busca de sua reunificação. Neste sentido, as qualidades manifestas neste fluxo de vivência, esforçam-se no desdobramento de seus contrários, enquanto estes contrários buscam continuamente a reunificação manifesta na unidade: um e múltiplo em constante movimento de união e separação.

Essa busca incessante pela reunificação dos contrários é a luta que faz surgir o próprio vir-a-ser, um conflito constante que molda a própria natureza. Segundo Nietzsche, “...na realidade, em cada instante, a luz e a sombra, o doce e o amargo estão juntos e ligados um ao outro como dois lutadores, dos quais ora a um, ora a outro cabe a supremacia”<sup>11</sup>. A própria natureza é o conflito e, ao compreender esta verdade, Heráclito teria vislumbrado a harmonia que subjaz ao padecimento cotidiano da vida. Não há um ente metafísico apartado do mundo, há apenas o mundo como devir. O homem comum não se aperceberia dessa verdade e permaneceria enredado na ilusão da contradição e injustiça ao seu redor. Esta noção profunda sobre a realidade, entendemos nós, faz de Heráclito, aos olhos de Nietzsche, um dos grandes modelos do “grande homem”.

Como afirma Fernando Barros, “...se nada pode redimir o homem de sua condição limitada e aleatória, melhor seria dizer que Anaximandro e Heráclito eram, cada um a seu modo, pensadores

---

<sup>11</sup> Nietzsche, 2008, p. 27.

trágicos, vertendo, cada qual, seu quinhão de lágrimas”<sup>12</sup>. Se assim podemos afirmar, então podemos compreender o que aproxima tanto a autor d’*A Filosofia na idade trágica dos Gregos* de seus modelos. Mais do que o conteúdo de seus pensamentos, sua vivencia os torna próximos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pretensão, com este pequeno trabalho, não foi a de fazer uma análise criteriosa de todo o texto de Nietzsche *A Filosofia na Época trágica do Gregos*, mas sim tentar entender sua visão sobre a filosofia grega, a partir de sua interpretação, a nosso ver, bastante original dos filósofos pré-socráticos – ou pré-platônicos como pretende o autor. Fizemos, portanto, um recorte abarcando três pensadores, Tales, Anaximandro e Heráclito, no intuito de exemplificar o modo como nosso pensador entende tanto a filosofia como o universo Grego expresso por sua cultura.

Para Nietzsche, a filosofia tem um único momento de júbilo e criatividade no mundo grego que justamente ocorre no período por ele denominado trágico, no qual surgem as figuras de Tales, como primeiro filósofo seguido por pensadores originais que desembocam na figura de Sócrates, o último “grande homem” Grego.

O ponto central de sua visão do pensamento grego, nos parece, está enfatizado em sua noção de “grande homem” no sentido não apenas de pensador original, mas também de pensador que vive, por assim dizer, seu pensamento. Esta ideia parece ficar clara já no prefácio ao livro em questão, quando afirma Nietzsche,

Quem, em contrapartida, se alegra com grandes homens, também tem a sua alegria em tais sistemas, pois, mesmo que sejam inteiramente errôneos, não deixam de ter um ponto completamente irrefutável, uma disposição pessoal, uma tonalidade; podem utilizar-se para construir a imagem do filósofo: assim como a partir de uma planta se podem tirar conclusões sobre o solo. Em todo o caso, trata-se de uma maneira de viver e de ver as coisas humanas que já existiu, e que, por isso, é possível: o "sistema" ou, pelo menos, uma parte deste sistema, é a planta nascida neste mesmo solo (Nietzsche, 2008b, p. 1).

Portanto, mais do que contar a história dos sistemas desenvolvidos pelos primeiros pensadores, o que se torna fundamental para a reflexão nietzschiana é de que modo este pensamento floresceu e se desenvolveu; de que vivência original despontaram as reflexões que forjaram a base da resposta dos pré-platônicos sobre a natureza de toda a realidade.

---

<sup>12</sup> Barros, 2010, p. 175.

Tales, ao contemplar o mundo como uma diversidade de entes em constante mutação, propõe que a resposta para a coerência e relação que constatamos na vivência que temos deste mundo deve ser buscada na unidade que subjaz a toda multiplicidade. A resposta é: “tudo é um”.

Anaximandro, segundo Nietzsche, “o ultrapassa em dois passos”<sup>13</sup>. Ele volta a se perguntar sobre o porquê da existência da pluralidade se a unidade é a única realidade e essa pergunta, de certa forma, remete-o a uma resposta mística. Se o vir-a-ser é eterno, sua origem só pode advir do Ser eterno: no caso o indeterminado. Heráclito, ao elevar-se da “noite mística” que envolvia a questão, avança na contemplação do devir como o próprio Ser, a realidade, se assim podemos aludir, da vivência trágica. Ao afirmar que admira com atenção a corrente eterna e pulsante das coisas, Heráclito traduz seu pensamento na própria vivência.

Se estivermos certos em nossa interpretação, a experiência heraclitiana é, mais do que o conteúdo de sua filosofia, o que aproxima os dois grandes Homens.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Fernando R. de Moraes. *Nietzsche e a Filosofia na Era Trágica dos Gregos*. Dissertatio [30], 167 – 184, verão de 2010.

BULHÕES, F. Pré-platônicos ou pré-socráticos? *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche* – 1º semestre de 2013 – Vol. 6 – nº 1 – pp.28-38.

NIETZSCHE, F. *A Filosofia na Era Trágica dos Gregos*. Editora Hedras; São Paulo, 2008a.

NIETZSCHE, F. *A Filosofia na idade Trágica dos Gregos*. Edições 70, Lisboa, 2008b.

---

**Recebido em:** 18/02/2025.

**Aprovado em:** 02/06/2025.

---

<sup>13</sup> Nietzsche, 2008, p. 23.